

OS HUMANOS ESTÃO A DESTRUIR A TERRA

por Mário Soares

É extraordinário que as pessoas não se preocupem e reflectam sobre o que está a acontecer no nosso Planeta. A violência das ondas, algumas das quais chegaram a atingir quinze metros na nossa costa e na Galiza, a força do vento, a violência das águas no Reino Unido, com inundações violentas, como nunca se viram, a destruição de ilhas nas Filipinas, o degelo, o frio e os ventos ciclónicos que impendem os americanos de sair à rua, em vários Estados da América do Norte, por causa do gelo, dos furacões e da neve de proporções nunca vistas. Os incêndios sucessivos que estão a ocorrer na Austrália, pura e simplesmente destroem a flora e muitas espécies animais, bem como florestas inteiras.

Numa palavra: a Terra, como um todo, está a ser destruída pelos humanos, que acabarão por ser as principais vítimas do desastre, provocado pelos próprios e pela ganância dos interesses. Porque os grandes Estados e a própria ONU deixaram de se interessar pelo ambiente. Desde a reunião frustrada da Dinamarca. O que é de uma irresponsabilidade inaceitável. Tenho já, nesta mesma coluna, chamado a atenção para esta tão grave - e urgente - questão.

Recentemente referi a existência de um livro, traduzido em português e que está à venda em muitas livrarias, mas pouco comprado, ao que parece, intitulado "Dez mil milhões, enfrentando o nosso futuro". Em vão. O autor é um grande cientista inglês, professor catedrático de Cambridge, chamado Stephen Emmott. As pessoas responsáveis que amam os seus filhos e o futuro que lhes vai bater à porta deviam apreciar este livro, que é fácil de ler e barato e - em consequência - levá-las a agir desde logo em defesa do Ambiente.

O que infelizmente deixou de ser feito pela ONU, cujo actual Secretário-Geral, segue irresponsavelmente os grandes Estados, que só vêem os seus interesses imediatos e pouco mais. Ora o que tem sucedido é que os Oceanos e a Terra, com a procura do petróleo, do gás, dos metais preciosos, como o ouro, a prata, o urânio, etc., estão a pouco e pouco a destruir a Terra e os Oceanos, tais como os conhecemos e, em consequência, a flora e a fauna e os próprios humanos, apanhados pelos tufões, pelas águas em fúria, pelos vulcões e incêndios. As ondas gigantes estão a invadir parte das costas, como a nossa, por exemplo.

Diz o professor Emmott: "A Ciência é essencialmente ceticismo organizado. Eu passo a vida a tentar demonstrar que o meu trabalho está errado ou a procurar explicações alternativas para os resultados de que disponho... Espero estar errado, mas a Ciência aponta para a possibilidade de eu não estar errado". E conclui: "considerar a situação em que nos encontramos uma emergência sem precedentes".

Um perigo imenso acerca do qual as pessoas sensatas e responsáveis devem reflectir e depois agir em consequência. Para pôr de lado a ganância dos mercados e salvar a Terra e bem assim, os nossos filhos e netos. Por mim, com a consciência da minha modéstia, não deixarei de o fazer, enquanto puder.

Os Partidos e o futuro

Os Partidos estão cada vez em pior situação. Os do Governo são hostilizados pela esmagadora maioria dos portugueses. Mas fazem o que querem.

O CDS finge que é alguma coisa, apesar dos volte-face do seu líder, o "Paulinho das Feiras", como o intitulavam. Mas não é mais. Como Vice-Primeiro-Ministro representa muito pouco, muda de opinião cada dia, limitando-se a fazer viagens, com grandes comitivas. Diz que tem bons resultados económicos, mas ninguém sabe quantos nem quais. Começou por ser do CDS, depois tornou-se PP, quando o espanhol Aznar era o seu modelo e, ultimamente, imagine-se, declarou-se democrata-cristão. Quem tal diria...

Passos Coelho reclama-se como o chefe do PSD, esquecendo-se que o fundador do seu Partido, Sá Carneiro, era social-democrata a sério e não populista e neo-liberal e quis pertencer (sem êxito) à Internacional Socialista, que aliás agora, praticamente, parece ter deixado de existir. Mas há ainda muitos social-democratas a sério, críticos ferozes do Governo. Como é lógico.

Quem manda são os mercados não os Partidos nem os políticos. Como o Presidente da República, que é do PSD, desde que entrou na política, no pós 25 de Abril. Antes, se não era salazarista, como se diz, não consta que fosse nada. De resto, demonstrou na sua mensagem de Ano Novo em que só falou dos mercados sem dizer uma única palavra para os portugueses, dado que para ele - como ficou claro - o que conta são os mercados, não as pessoas...

Resultado de cada um dos responsáveis: para o Governo e o Presidente da República, o que conta são os mercados e, obviamente, a Troika soberana que o Governo respeita com subserviência total.

Os portugueses estão cada vez mais empobrecidos, emigram, quando podem, e a maioria está desesperada e na miséria. Muitos suicidam-se e outros entram na criminalidade...

Nunca houve tanta desigualdade na sociedade portuguesa. Nos ricos não se mexe, a não ser para os tornar mais ricos. E os que com esse objectivo roubaram, têm a impunidade garantida. Os exemplos não faltam, como os portugueses sabem. Andam por aí a gozar a vida (embora seguramente com má consciência) porque a ministra da Justiça finge que os não vê...

Quanto aos Partidos da Oposição: PS, PCP, BE e agora o Livre, as dificuldades são grandes. Não se entendem, como deviam. O PS tem responsabilidades especiais por ser o maior Partido português. Por isso devia tomar a iniciativa de trabalhar com os outros Partidos da Oposição. Os Sindicatos não estão a ser poupados. O Governo faz tudo para que lhes falte o dinheiro e, portanto, para os diminuir.

A Comunicação Social está cada vez mais governamentalizada. E os jornalistas estão num dilema terrível: para agradar o Governo vendem cada vez menos e não são ouvidos nem lidos. É a reacção natural de um Povo desesperado e sem emprego. Restam as redes sociais, onde vão aparecendo interessantes reacções populares...

É certo que a crise portuguesa tem a ver com a crise europeia, que vai mudar a União Europeia - e em especial a zona Euro - ou pode cair no abismo, como vários políticos e economistas (prémios Nobel) têm vindo a afirmar.

Tenho esperança que nos próximos meses muita coisa mude na Europa - com a substituição de todos os seus actuais dirigentes - e que tudo isso venha a repercutir, favoravelmente, no nosso querido Portugal. Mas o problema é saber como. Porque os estragos feitos são muito difíceis de emendar. Pobre de quem se atreva a substituir o Governo. Dada a perda do Estado Social e da maior parte do nosso património, de algumas empresas, da classe média, da cultura e das artes, dos próprios Partidos da Oposição e do enfraquecimento dos Sindicatos.

O nosso futuro será muito difícil. Por isso tenho lutado - apesar de não ter quaisquer responsabilidades políticas, nem as querer ter - para que todos os Partidos da Oposição se entendam, afim de poderem mudar as coisas. É inacreditável e estúpido que o não façam. Porque se o não fizerem todos perdem. Definitivamente. Será que não percebem isso?

José Terra, um professor português em França

Conheci José Silva Terra na Faculdade de Letras de Lisboa, onde fomos colegas e ele era estudante trabalhador. Era minhoto, poeta e escritor, participando activamente no MUD (Movimento de Unidade Democrática, do pós guerra) e na campanha para a eleição (frustrada) do general Norton de Matos.

Foi depois disso, creio, que se estabeleceu em França, tendo sido leitor de português em diversas Universidades francesas e casado com uma senhora francesa, que não conheci.

Entretanto, perdi-o de vista.

Voltei a encontrá-lo em Paris, quando fui expulso de Portugal, no tempo de Marcelo Caetano, sem qualquer julgamento prévio e por puro arbítrio.

Dias depois de me ter instalado em Paris, num modestíssimo hotel na rua de l'École de Médecine, em pleno Quartier Latin, voltei a encontrar, por acaso, José Terra. Conte-i-lhe a situação em que me encontrava e ele disse-me que talvez me pudesse arranjar um lugar na Universidade de Vincennes (mais tarde Universidade de Paris VIII). E assim fez. Arranjando-me o meu primeiro trabalho remunerado em França. Mais tarde fui professor em Rennes e depois na Sorbonne. Fiquei-lhe grato para sempre e mesmo depois do 25 de Abril, quando regressei a Portugal, voltei a encontrá-lo várias vezes, quer em Paris, quer em Lisboa e mesmo no Minho.

José Terra, como sempre o tratei, além de professor, foi um poeta, um escritor e um ensaísta que deixou uma vasta obra literária.

Faleceu há poucos dias num hospital de Paris com 85 anos de idade. Era natural de Arcos de Valdevez, onde o encontrei várias vezes. Sempre foi fiel à sua terra Natal e à sua Pátria, não obstante ter vivido a maior parte dos seus dias em França.

Foi para mim um motivo de grande tristeza a inesperada notícia da sua morte.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 2014